SOBRE QUATRO OBJETOS QUE TESTEMUNHAM O AMANHECER HUMANO[1]

Karoline da Silva[2], Rosângela Miranda Cherem[3], Andrey Parmigiani da Silva[4], Vitória Martins da Silva [5], Luiza Melo[6] e Thamyres Souto Franco[7]

[1] Vinculado ao projeto "Acervos e Arquivos Artísticos em Santa Catarina. Implicações e Conexões"
[2]Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART
[3] Orientador, Departamento de Artes Visuais – CEART – rosangelamcherem@gmail.com
[4] Acadêmico do Curso de Bacharelado em Artes Visuais – CEART
[5] Acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART – Bolsista PROBIC/UDESC
[6] Acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART
[7] Acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – CEART

A pesquisa foi iniciada através de consulta ao acervo virtual do Museu Britânico, com filtro de busca voltado aos tempos mais longínquos e seleção de objetos abordados na obra de MacGregor[1]. Teve como objetivo principal reconhecer vestígios de uma realidade material bastante remota, alcançando os primeiros artefatos humanos, destes períodos que se denominam pré-história e antiguidade. Trata-se de reconhecer tais objetos como testemunhos de um modo de compreender o mundo bastante ancestro, mas que ainda nos implica em nossas experiências humanas, como enfrentamos e resolvemos os desafios, sobretudo quando nos confrontamos com um momento tão atribulado quando este, afetado por uma epidemia de proporções planetárias.

Se aqueles objetos, por um momento, parecem isolados e mudos em relação ao mundo que os fez nascer, por outro, são a prova viva de que, muito antes da sociedade atual, outros lutaram e buscaram soluções, sentiram e pensaram, imaginaram e criaram. Assim, este estudo consiste numa pesquisa básica em estágio inicial, destinada à expansão do conhecimento e sua divulgação através de eventos e publicações. Privilegia pesquisa bibliográfica, com consulta aos sites de museus e bibliotecas. Implica um caráter descritivo com levantamento e identificação mais minuciosa dos objetos, bem como um caráter explicativo, caracterizado por estudo de casos específicos e detalhamento a partir de um enfoque observacional dos objetos e construção de certos sentidos interpretativos possíveis, considerando um cruzamento entre história antiga e história da arte.

Como ponto de partida para fins de identificação e descrição, foram selecionados quatro objetos sob guarda institucional do Museu Britânico. O primeiro deles, uma ponta de lança da civilização Clóvis, encontrada nos Estados Unidos, cuja produção data a 11000 AEC, e cujo testemunho conta não só sobre a transformação da pedra em arma, como das possibilidades que isto trouxe para esse homem, tornando-o um caçador que asseguraria sua sobrevivência de modo mais sofisticado, possibilitando sua expansão migratória até sua chegada no continente americano em busca de suas presas. O segundo objeto é soquete de pilão em forma de pássaro, encontrado na Oceania, mais precisamente em Papua Nova Guiné, datado de aproximadamente 6000 AEC, testemunha de que o homem desse período já era capaz de uma ressignificação dos objetos, indo além de sua dimensão meramente funcional. Um soquete de pilão não é mais apenas um utensílio, é possível que fosse um objeto cerimonial usado para preparar banquetes especiais de

[1] MACGREGOR, Neil. **A História do Mundo em 100 objetos.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

uma sociedade agora fixada em um lugar, graças à arte de dominar o cultivo de grãos. Já no período neolítico, esta pesquisa apresenta um objeto encontrado no cemitério de Ur, na Mesopotâmia e produzido por volta de 2600 AEC. Ele testemunha o contexto social no qual estava inserido tanto pelos materiais utilizados na sua confecção como por meio de imagens encrustadas em madeira: uma economia próspera baseada na agricultura e na entrega de tributos ao rei, muito bem defendida por exércitos. O que se conhece hoje por cidade, se consolida, e a dominação do homem não se dá mais só com relação à natureza, mas também em relação a outros agrupamentos humanos. Por último, fragmentos de argila repletos de uma escrita cuneiforme, datados de 2100 AEC, poderiam jamais ter sido significados, não fosse George Smith, que precisou dispor de toda uma arte para reconhecer aquilo que poderia ser considerado simples cacos. Tais esforços revelaram-se como uma parte da primeira história literária conhecida: as Epopeias de Gilgamesh: a história do dilúvio. Esta narrativa poderia ter sido esquecida entre as 130 mil tabuletas catalogadas pelo Museu Britânico, mas a partir do testemunho destes fragmentos, foi possível acessar um momento muito recôndito em que o homem deixava de registrar apenas dados quantitativos e passava a contar eventos que requeriam mais esforços explicativos e imaginários.

Ao mesmo tempo que se descreve e situa os objetos a partir de seus registros, a pesquisa busca refletir sobre o contexto e as perspectivas sobre as quais se falou deles. Para tanto, o conceito de testemunha de Lapoujade (1964) em seu livro *Existências Mínimas* foi uma importante interlocução teórico-conceitual, permitindo que, para além de mero inventário arqueológico, seja possível reconhecer estes artefatos sem autoria e com escassa documentação complementar no centro de uma narrativa histórica da arte, acessada na qualidade de vestígio e testemunha, buscando romper com uma ideia hierárquico-evolutiva da arte. Procurou-se, refletir sobre questões como: Qual a importância de considerar a materialidade dos artefatos em seus detalhes particulares, quer para as sociedades extintas e seus processos complexos de criação, quer para os desdobramentos que nos chegam através da história de objetos? Como os historiadores da arte podem olhar para um passado tão distante e como pensar a atualidade destes objetos primitivos para a arte contemporânea?

Neste sentido, é possível interrogar a ideia de inferioridade do homem primitivo, rompendo com a hierarquia entre artefatos utilitários e belas artes na história da arte e evidenciando a importância do estudo destes registros, usualmente ignorados ou vistos com relativo desinteresse ou desatenção pela história da arte. O resultado destes entendimentos, guiarão a pesquisadora para uma segunda etapa, onde o enfoque aos artefatos se dará a partir de acervos brasileiros.